

Obras
sagradas

Sonhos construídos de

Hesio Pessali

Uma clareira aberta no coração da mata fechada, alguma lavoura, poucas casas rústicas de madeira lavrada a machado suspensas do chão, com paredes de barro e tabuinhas de lascas de madeira na cobertura. Quatro divisões internas, conforto nenhum. A privada era o mato próximo e a água se buscava no córrego – sempre havia algum. A estrada, uma picada por onde se transitava a pé ou no lombo de cavalo. O mundo exterior, a dezenas de quilômetros.

Nos seus traços principais, era assim um povoado de imigrantes italianos no final do século XIX no interior do Espírito Santo. Nada que chamasse a atenção.

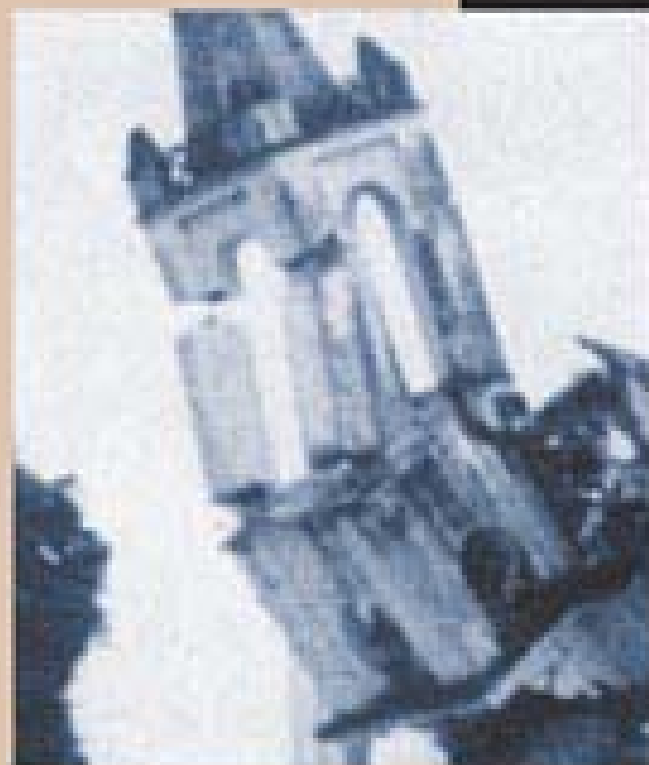
Mas o que viria, logo a seguir, preencher o vazio desses lugares remotos, a igreja, essa sim, nada tinha do aspecto frágil e despojado das moradias. Sua construção era sólida, pedra sobre pedra com liga de barro, sem concreto nem ferragem. A torre às vezes passava dos 30 metros, a área construída chegava a algumas centenas, as paredes a quase dez, e o

portal tinha a altura de duas pessoas. No interior, altares talhados em madeira, degraus, patamares, colunas com acabamento de frisos, lustres de cristal, objetos litúrgicos de ouro e prata.

Monumentos assim, com traços de estilo românico, encontram-se às dezenas pelo interior do Espírito Santo, na maioria, com detalhes alterados por reformas que não respeitaram a construção original. Muitas vezes, por desconhecimento desse valor histórico, por parte de moradores que conduziram essas reformas. Outras vezes, pela estupidez ideológica.

Na igreja de Todos os Santos, município de Guarapari, com sua restauração já encomendada a técnicos da Ufes, na década passada ▶

Guarapari



Fiés trabalham em multirão levantando o cruzeiro da igreja; ao lado, a Igreja de Inhaúnia, interior do município



Luana
Casagrande

Reprodução extraída do livro
lembranças Camponesas

de 70, uma freira fez fogueira em praça pública com caixas de documentos e orientou a reforma que passou tinta a óleo sobre pinturas originais, em nome da renovação. A pintura era de um colono com alma de artista, Bepe Paterlini, que reproduziu no teto da igreja os temas da Capela Sixtina. Em Venda Nova do Imigrante, a fotografia registrou o momento exato em que a igreja original desmoronava, sob o comando de um padre.

A construção do templo em lugar central tinha motivos muito bem definidos. Em torno dele faziam sua vida social os que moravam no povoado e os que residiam na pequena propriedade. Parte dessas atividades reunia o lazer e a religiosidade, como o leilão aos domingos, o coral, o teatro sacro. Entre os imigrantes havia músicos, artesãos e gente que, por participar ativamente do culto na terra de origem, lia corretamente o latim e, às vezes, também entendia o significado.

O refinamento possível, a localização, o tempo voluntariamente dedicado à construção do templo, porém, iam além de um motivo social. O imigrante teve que rapidamente

resolver problemas práticos, e um deles era onde alojar a família e deixar logo o barracão coletivo e promíscuo, de chão de terra, em que foi colocado. Construiu a moradia com os materiais que o novo ambiente oferecia em abundância, mas com a igreja foi diferente.

A igreja não representava a realidade. Ela era o sonho, tanto o sonho que havia ficado para trás, um modo de vida arrancado pela raiz e que sobrevivia nas lembranças, quanto o sonho que sua fé religiosa lhe dizia ao coração: a dureza da vida presente será compensada numa outra futura. Para o templo não havia pressa. Nem economia de dinheiro.

A igreja de Sagrada Família, em Alfredo Chaves, foi construída em seis anos, no início do século XX. Só o pedreiro que dirigia a obra recebia pagamento, os demais eram voluntários. Um doou a madeira, retirada de sua propriedade. Outro emprestou a junta de bois para puxar a madeira. Outro doou as pedras com que foram levantadas as paredes de 70cm de espessura.

Quem não tinha material a dar, doava seu tempo. Dividindo o trabalho na lavoura com a construção da igreja, uns rachavam o granito com instrumentos primitivos, outros

Terras doadas à Igreja

Os terrenos em que os colonos construíram seus templos, e que hoje pertencem à Igreja Católica, geralmente eram doados. Era uma troca pela assistência espiritual, e que, muitas vezes, se materializava sob a forma de intermediação dos interesses da comunidade, solução de situações pessoais e familiares e, até mesmo, substituição do poder público ausente, principalmente nas funções de professor e juiz. Alguns autores registraram esse costume:

- Luiz Carlos Biasutti e Arlindo Loss contam que o terreno onde está hoje a matriz de São Roque do Canaã foi doado por João Dalla Bernardina em 1886 (*São Roque do Canaã – uma história de fé, trabalho e vitórias*, 1999);

- Segundo José Amarílio Semedo Boni, a capela de São Miguel, município de Guarapari, foi construída em um alqueire de terra doado por Joaquim Vieira de Jesus, e a escritura, conservada até hoje, paga por Ângelo Boni e Vitorio Mantovanelli (*Os imigrantes lombardos*, 1997);

- Máximo Costa fala da doação de um lote de um alqueire, pela imigrante Paola Bruschi, para a construção da igreja de Sagrada Família, município de Alfredo Chaves (*Tópicos históricos de um povo imigrante e descendentes*, 1988);

- Máximo Zandonadi narra que, em Venda Nova do Imigrante, o fazendeiro Antonio Ribeiro doou um terreno para a construção da igreja e que, mais tarde, a família Altoé ampliou a área com nova doação (*Venda Nova, um capítulo da imigração italiana*, 1980);

- Giovanni Firmo Marchesi relata que, para construir a igreja de Todos os Santos, município de Guarapari, os colonos compraram e doaram dois lotes agrícolas (cerca de dez alqueires ou 480 mil metros quadrados) no melhor terreno do lugar (*Memórias manuscritas*, 1900).



amassavam barro, outros levantavam os blocos de pedra nas roldanas, lavravam a madeira. No sábado, a não ser na colheita do café, cada família mandava um filho adulto ajudar na construção.

A inauguração não aconteceu até que não estivessem no lugar que cabe ao padroeiro as três imagens da Sagrada Família, esculpidas na França. As telhas também eram francesas. Descarregadas no porto de Anchieta, subiram de prancha até Alfredo Chaves e foram levadas no lombo de

burro até o destino.

Na base de uma das colunas que sustenta uma torre de pedra de 27 metros, no dia em que um padre benzeu o alicerce, uma caixa de madeira recebeu braceletes, brincos, colares, dos quais as mulheres se desfaziam. Os homens jogavam as correntes douradas de seus relógios de bolso – jóias trazidas do outro lado do mar, por eles próprios ou por seus pais.

A nobreza do metal está lá, debaixo da rocha, em contraste com suas vidas efêmeras. O sonho é eterno.

Malgn asgn alsdn gasjldn asldgjn asjlgjn asjlgjn asdMalgn asgn alsdn gasjldn asldgjn asjlgjn asjlgjn asdfj nasldfn alsfj gnasdl jgnas nfj nasldfn alsfj gnasdl jgnas n

Uma família de construtores

Giacomo Andrich saiu de Falcade, na província de Belluno, em 1895 e se estabeleceu em Santa Teresa. Veio com a mulher Margherita Dariff, os filhos Ida, de 4 anos, e Giacomo, de 2, e a profissão de artista. Na nova pátria, ele a exerceu embelezando os prédios que fez, porque também era construtor. Do enorme casario levantado na cidade com o dinheiro do café, uma parte teve a sua marca.

Pelo interior do município deixou capitéis, oratórios, capelas. Era especialista em construção de pedra. Em Boa Vista deixou uma de suas obras primas, a casa que construiu para o amigo Giacomo Sperandio. No vale do Canaã, para onde se mudou, fez a igreja nos povoados de São José e de Santo Antônio. Neste lugar, levantou o templo que se vê hoje, com sua torre alta e esguia, imitando o estilo das igrejas centenárias dos Alpes Tiroleses, no Norte da Itália, região de onde saiu. Fora do vale, construiu as igrejas de Santa Júlia, São Sebastião e Mutum.

Seu legado, porém, foi mais do que construir. Giacomo transmitiu aos filhos homens, em especial ao filho também batizado como Giacomo, e a Adriano, a arte e o gosto. Adriano nasceu em Boapaba, município de Colatina, numa dessas empreitadas do pai. Ambos também passaram a vida construindo igrejas, quer ajudando o pai quer assumindo o trabalho por sua conta, depois que o pai morreu. E, para a maioria dos templos que levantaram, tomaram como modelo a obra-prima do pai, a igreja de Santo Antônio.

Nas décadas passadas de 40 e 50,

anos em que o norte do Estado foi ocupado, boa parte dos povoados foi fundada por descendentes de imigrantes italianos em busca de terras novas. Na nova terra repetiram o costume dos avós de construir uma igreja no centro do lugar. A fama da família Andrich já havia chegado a Colatina, passagem obrigatória da maior parte dos novos colonos para as terras além do rio Doce.

O pai já falecido, os filhos continuaram a vida de peregrino. Quando a distância era grande ou o transporte difícil, a família se mudava. Se essas condições eram favoráveis, a família ficava em casa, no Canaã, cuidando da lavoura, e eles viajavam. Ficavam um mês fora. Quando viam a família, era por poucos dias, porque construir uma igreja levava meses. Até anos. Nesses poucos dias, ficavam na igreja construída pelo pai riscando, medindo, criando, porque quem encomendava não queria só o prédio. Queria também altares, nichos,

colunas, pedestais, candelabros.

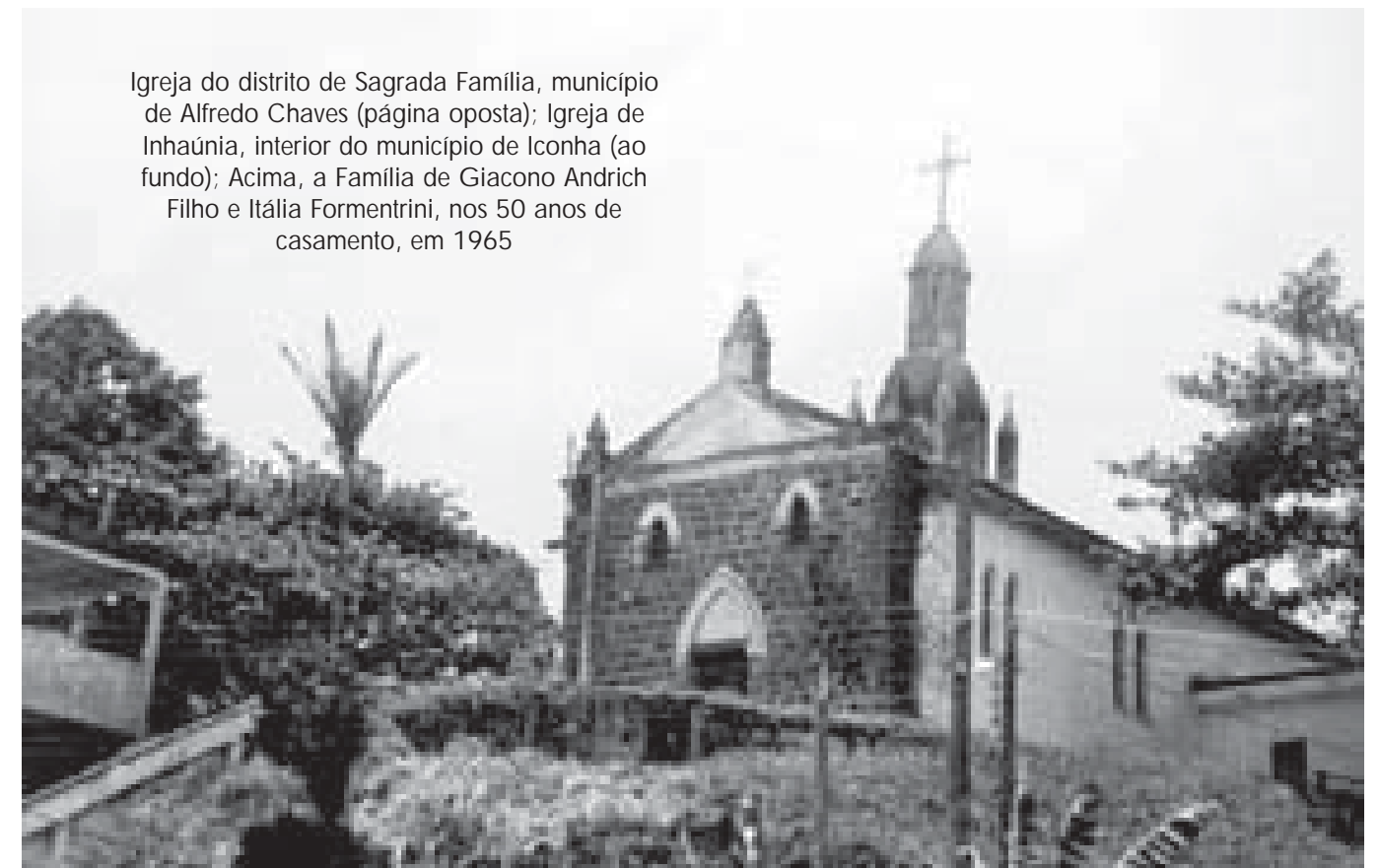
Acima do rio Doce, fizeram as igrejas de São Marcos, Limoeiro, Patrão-Mor, em Marilândia; a de São João Pequeno e a matriz, em Pancas; e a de São Domingos, hoje sede de município, na época em que só havia uma rua com 20 casas. As

que reformaram, dizem seus filhos, foram tantas que já eles haviam perdido a conta.

Giacomo morreu em Santa Teresa aos 72 anos, no ano de 1965. Adriano viveu até século XXI: morreu em Vitória em 2001, aos 90 anos. ■



Arquivo da Família



Igreja do distrito de Sagrada Família, município de Alfredo Chaves (página oposta); Igreja de Inhaúnia, interior do município de Iconha (ao fundo); Acima, a Família de Giacono Andrich Filho e Itália Formentrini, nos 50 anos de casamento, em 1965

Luana Casagrande